



O QUE É GUERRA HÍBRIDA? UMA ANÁLISE DA GEOPOLÍTICA NO SÉCULO XXI

Lucas Mendes Costa¹
Vinicius Modolo Teixeira²

RESUMO

Esse texto é fruto de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento, cujo objetivo principal é desvelar o conceito de Guerra Híbrida e suas consequências na geopolítica do século XXI. Nesse trabalho, tanto a conceitualização de Guerra Híbrida, alimentada por vários autores nos últimos anos, e advinda do acúmulo de várias teorias geopolíticas anteriores, quanto suas consequências práticas são trazidas à tona. O texto também trabalha o papel das tecnologias da informação, sobretudo das redes sociais, na produção desses fenômenos. Além disso, tem enfoque nas ações norte-americanas no cenário da Eurásia, sobretudo nos primeiros fenômenos desse tipo, observados tanto no Leste Europeu, quanto na Ásia Central.

Palavras-chave: Guerra-Híbrida, Geopolítica, Revoluções Coloridas, Guerra Não Convencional.

ABSTRACT

This text is the result of a master's research in development, whose main objective is to unveil the concept of Hybrid War and its consequences in the geopolitics of the 21st century. In this work, both the conceptualization of the Hybrid War, nourished by several authors in recent years, and arising from the accumulation of several previous geopolitical theories, and its practical consequences are brought to light. The text also works on the role of information technologies, especially social networks, in the production of these phenomena. In addition, it focuses on North American actions in the Eurasian scenario, especially on the first phenomena of this type, observed both in Eastern Europe and in Central Asia.

Key words: Hybrid-War, Geopolitics, Color Revolutions Unconventional War.

INTRODUÇÃO

A Geopolítica a nível mundial tem se apresentado extremamente ativa e instigante para os estudos da Geografia e Relações Internacionais. Nesse sentido, um dos assuntos que se apresentam como componente do novo momento e dinâmica de

¹ Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: lucas.mendes.costa@unemat.br;

² Professor do curso Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) – Campus de Cáceres, e do Curso de Licenciatura em Geografia – Campus de Sinop. Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: vinicius.teixeira@unemat.br.



disputas globais é o que envolve a discussão sobre Guerras Híbridas. Como acontece em com toda nova temática, esse debate ainda é amparado por poucas referências a nível nacional, sendo necessário recorrer a autores internacionais para compreender e apresentar considerações a esse respeito.

Dessa forma, o interesse desse trabalho é apresentar as questões que se associam a Guerra Híbrida, partindo de suas origens, como apresentado na primeira seção desse artigo. Na segunda seção, abordaremos o que está por trás das Guerras Híbridas e como elas se apoiam nas tecnologias mais recentes para se desenvolver. Já na terceira parte deste trabalho, apresentamos o que consideramos serem os exemplos de emprego dessa nova forma de conflito, elencando os exemplos ocorridos no leste europeu e em ex-repúblicas soviéticas. Ao final, apresentaremos nossas considerações sobre a importância de continuar os estudos a respeito das Guerras Híbridas.

AS ORIGENS DA GUERRA HÍBRIDA

As Guerras Híbridas são uma nova modalidade de conflito surgido no século XXI, fruto da atual dinâmica internacional, inaugurada no período pós-Guerra Fria. O termo “Guerra Híbrida” foi sugerido pela primeira vez pelo teórico norte-americano Robert G. Walker, em 1998 (BARBOSA, 2020), mas tornou-se popular a partir de 2007, com a publicação de “*Conflict in the 21^o Century: The Rise of Hybrid Wars*” de Frank Hoffman. Desde então, esse conceito vem sendo paulatinamente construído por vários autores, com posições e análises bastante variadas. Além disso, a ideia de Guerra Híbrida se soma, e por vezes até se confunde, com outras ideias na esteira das nomenclaturas designadas para descrever as novas tendências nos cenários de guerra e conflitos geopolíticos surgidas a partir da virada do milênio.

Desse modo, a ideia de Guerra Híbrida é ao mesmo tempo cumulativa e paralela a vários outros conceitos contemporâneos, como: “guerras irregulares”, “guerra sem limites”, “guerra não convencional”, “guerra não-linear”, “guerra assimétrica”, “guerra composta” e “guerras de quarta geração”. Naturalmente, todos esses conceitos tem significados diferentes, mas também possuem a característica incomum de tentar iluminar e atualizar o comportamento dos agentes internacionais diante da Globalização e da Nova Ordem Mundial. A partir da queda do Muro de Berlim, do fim da União Soviética e do aparente triunfo do liberalismo estadunidense, esse momento inaugurou



uma nova dinâmica internacional, na qual os Estados, tradicionais agentes da geopolítica, convivem com uma miríade de organismos supranacionais, exércitos irregulares e grupos terroristas, tudo isso, diante de uma profusão de novas tecnologias informacionais.

Contudo, a Guerra Híbrida não é só uma terminologia semelhante a várias outras na atualidade, trata-se de uma nova abordagem adaptativa, oriunda do acúmulo de teorias geopolíticas clássicas com o de teorias modernas, que por sua vez estão ancoradas em objetivos tradicionais de grandes Estados. Nesse sentido, as ideias de autores como Mahan, Mackinder, Pilsudski, Spykman, Brzezinski, Lind, Warden, Boyd, Mann e outros, foram somados e revisadas para o mundo da globalização e das redes sociais.

Nesse sentido, o conceito vem sofrendo adaptações desde Hoffman (2007), que trazia o elemento da sobreposição de vários tipos de conflitos (guerra convencional, irregular, terrorismo) como central para o enquadramento da ideia. “Kofman e Rojansky (2015) incluem na sua conceituação de Guerra Híbrida, além dos aspectos levantados por Hoffman (2007), o elemento da guerra de informação” (PICCOLLI; MACHADO; MONTEIRO, 2016, p.4)

Para Korybko (2018) a Guerra Híbrida trata-se uma forma de choque indireto, que envolve Estados e agentes de natureza privada, e que configura também um novo campo de pesquisa para estudiosos da Geopolítica, Ciência Política e Relações Internacionais. Baseia-se especialmente em dois pilares que serão devidamente abordados mais a frente nesse artigo, as ideias de “Revolução Colorida” e a “Guerra Não Convencional”.

No final da década de 1980, o general norte-americano William S. Lind, junto com outros oficiais das forças armadas dos EUA, introduziram o conceito de “Guerras de Quarta Geração”, referindo-se as novas características dos conflitos que surgiam no período. Essa ideia agregou a noção temporal e geracional as guerras, delimitando períodos e características que marcaram cada época, desde o Tratado de Vestfália em 1648. (LIND; NIGHTENGALE; SCHMITT; SUTTON; WILSON, 1989)

Os defensores do conceito convergem relativamente às principais características da 4ª geração de guerras, que se caracteriza por um esbatimento das fronteiras entre a guerra e a paz, e por um regresso à conflitualidade típica da era pré-moderna, com o estado-nação a perder o monopólio da ação militar, devido ao envolvimento de atores



não-estatais (como grupos de guerrilha, grupos insurgentes, terroristas, etc.) (MONTEIRO, 2017, p.5)

Todas essas características estão presentes tanto nas guerras de quarta geração, quanto nas Guerras Híbridas, apontando para o fato de que ambas formulações ilustram de forma complementar o cenário de conflitos na atualidade. Seguindo a linha teórica de Lind, Thomas Hammes atualizou essas ideias associando a questão informacional na nova dinâmica de conflitos (HAMMES, 2005)

[...] formas evoluídas de insurreição que “utilizam todas as redes disponíveis – políticas, econômicas, sociais e militares – para convencer os decisores políticos inimigos de que os seus objetivos estratégicos são inalcançáveis ou demasiado custosos, quando comparados com os benefícios percebidos” (MONTEIRO, 2017, p.6)

Ou seja, de maneira resumida, os dois modelos teóricos visam destacar formas de ação indireta, marcadas pela presença de exército irregulares e grande fluidez informacional. É por isso que Korybko (2018) designa a Guerra Híbrida como a “epítome das guerras de quarta geração”. Com isso, o autor aponta para o fato que a Guerra Híbrida é uma designação menos ampla e mais embriçada a realidade do século XXI, especialmente porque considera a prevalência das redes sociais como ferramentas de ação geopolítica, algo que não existia quando Lind ou Hammes descreveram suas ideias.

Do ponto de vista prático, o interesse no emprego desse tipo de ação é justificado por vários motivos, especialmente a possibilidade de impor dificuldades a um determinado Estado-alvo a partir de baixos custos políticos e econômicos. Como as ações de Guerra Híbrida não focam em desembarque de tropas, bombardeios ou demonstrações explícitas de força, são difíceis de serem detectadas e entendidas, e por isso assumem um caráter “velado”. Trata-se de um modelo de ação indireta, difusa, de difícil detecção e dissuasão. Não à toa, esse tipo de tática ganha força durante a emergência de um mundo multipolar, que impõe novas condições para os conflitos internacionais.

Se por um lado a nova dinâmica geopolítica entre os Estados está longe de ser harmônica ou pacífica, por outro, a existência de organismos supranacionais que visam impor limites aos grandes poderes, a paridade nuclear (presente pelo menos entre russos e estadunidenses mas com crescente importância da China), o latente poder econômico



oriundo da Ásia, o fortalecimento de novas Organizações de Cooperação em Defesa (TEIXEIRA, 2021) e o crescente papel das mídias sociais frente a opinião pública, fazem das abordagens indiretas ou veladas cada vez mais atrativas para as ações das grandes potências, sobretudo para os Estados Unidos, que no momento vê sua influência no mundo ser erodida por outros atores.

O custo financeiro, político e social de se iniciar guerras abertas nunca foi o suficiente para frear a existência desse tipo de conflito, mas as últimas décadas viram o surgimento desses novos modelos de ação, que garantiram a possibilidade de mitigar perdas humanas do lado do agressor ao mesmo tempo que objetivos estratégicos são realizados.

Se o período pós-Segunda Guerra Mundial foi marcado pela “crise da Geopolítica clássica” (VISENTINI, 2016), o atual momento, de grandes mudanças no cenário internacional, abre espaço para renovações no campo da Geopolítica. Essas novas teorias tem o papel de oxigenar as análises diante da complexidade do mundo atual. É nesse sentido, que o conceito de Guerra Híbrida ganha grande importância, já que essa prática busca abarcar o conjunto das teorias geopolíticas clássicas e atualizá-las para o momento atual de arranjo institucional entre os Estados, marcado pela presença massiva da internet e redes sociais.

CONSTRUINDO A GUERRA HÍBRIDA

Buscando adaptar-se ao cenário geopolítico já descrito, as principais potências da atualidade estão mudando seu foco de ação, inclusive do ponto de vista bélico e estratégico. Num contexto como o atual, buscar desenvolver armas de destruição em massa, por exemplo, pode simplesmente não valer a pena. O custo elevado, o tempo e as pressões internacionais, fazem dessa, uma empreitada possivelmente infrutífera para muitos Estados. Por outro lado, novos artefatos mais funcionais na concretização de objetivos estratégicos tornam-se mais interessantes

Em primeiro lugar existiria um redirecionamento da pesquisa e da produção bélicas, que deixariam de lado a ênfase nos meios de destruição em massa, aqueles valorizados durante todo o século XX e em especial na fase da guerra fria, e enfatizariam novas tecnologias de precisão. O importante hoje, na época da globalização e do liberalismo triunfante, não é mais exterminar o inimigo (isso pode ainda existir,



em alguns casos de genocídio, mas são problemas regionais de lutas por territórios e normalmente áreas/povos pouco integrados ao mercado global) e sim conquistá-los ou enquadrá-los, inseri-lo afinal no mercado global. (VISENTINI, 2016, p.87)

Além disso, o mundo pós-Guerra Fria é povoado por inimigos indefinidos, ameaças invisíveis, como grupos terroristas ou organizações paramilitares, o que torna também torna urgente o emprego de aparatos bélicos condizentes com as circunstâncias presentes. Ainda como aponta Visentini (2016) o período atual é marcado pela existência de uma

“[...] ‘guerra de informações’, que seria mais um aspecto do *front* na competição militar, e que consistiria não apenas na tentativa de ganhar a disputa na mídia, mas também – e principalmente – minar os circuitos de informação do adversário. Afinal, as comunicações – a informação, o seu teor e a sua velocidade – não somente influenciam a opinião pública e a política das sociedades avançadas. Elas também são poderosos instrumentos de estratégia militar. (VISENTINI, 2016, p.92)

Nesse sentido, a lógica proposta pela Guerra Híbrida se encaixa perfeitamente nessa realidade, na qual as redes sociais, podem substituir o papel de bombas e balas, visando a assimilação e integração e não a destruição do alvo. Korybko (2018), aponta que a Guerra Híbrida visa a ação de desestabilização de rivais com o menor esforço direto possível para o agente perpetrador, mas impõe grandes custos políticos e econômicos ao Estado-alvo. Além disso, dependendo da força do Estado rival, a guerra indireta pode ser a única opção. Nesse ponto ele destaca o papel preponderante da comunicação rápida, da internet e das novas mídias sociais para a guerra moderna.

As mídias sociais e tecnologias afins substituirão as munições de precisão guiadas como armas de “ataque cirúrgico” da parte agressora, e as salas de bate-papo *online* e páginas do Facebook se tornarão o novo “covil dos militantes”. [...] As tradicionais ocupações militares podem dar lugar a golpes e operações indiretas para troca de regime, que tem um melhor custo-benefício e são menos sensíveis do ponto de vista político. (KORYBKO, 2018, p. 12)

Nesse sentido, não só os Estados Unidos, mas especialmente eles, vêm promovendo pesquisas por meio de órgãos militares e universidades para refinar esse modo de ação. A Rússia, por exemplo, publiciza oficialmente sua preocupação com a



Guerra Híbrida desde a Conferência de Moscou sobre Segurança Internacional, em 2014 (KORYBKO, 2018). Há também entres privados, como *think tanks*, que se debruçam sobre o tema, gerando uma crescente massa crítica sobre esse assunto.

Um bom exemplo desse tipo de pesquisa é o projeto *Minerva*, iniciativa na qual os norte-americanos têm comprovadamente investido milhões de dólares em estudos na área do controle e agitação social por meio da internet. Essa é uma iniciativa promovida por meio da parceria entre Departamento de Defesa (especialmente através da Agência de Pesquisa de Projetos Avançados de Defesa - DARPA), *Facebook* e Universidade de Cornell.

Esse projeto oferece fundos a pesquisadores que estudam a conexão entre as mídias sociais e agitação civil. O autor em questão, Jeffrey Hancock descreve-se na página da Universidade de Cornell como interessado nas “dinâmicas psicológicas e interpessoais das mídias sociais, fraude e linguagem” e já recebeu fundos da Minerva para conduzir pesquisas tais como “Modeling Discourse and Social Dynamics in Authoritarian Regimes” (“Discurso modelador e dinâmica social em regimes autoritários”) e “Know Unknowns: Unconventional Strategic Shocks in Defense Strategy Development” (“Desconhecidos conhecidos: choques estratégicos não convencionais no desenvolvimento da estratégia de Defesa”). A Universidade de Cornell já cooperou com a Iniciativa Minerva para prever “dinâmica de mobilização e propagação dos movimentos sociais” e deseja “prever ‘a massa crítica [ponto de virada]’ da agitação e reviravolta sociais estudando suas ‘pegadas digitais’ com base em uma série de eventos recentes”. (KORYBKO, 2018, p.57)

Essencialmente, essas pesquisas, que mesclam o uso das tecnologias informacionais e impactos psicológicos, buscam usar as redes sociais, através do conceito de guerra centrada de em rede, para transmitir sentimentos, gerar emoções e com isso produzir propagandas direcionadas. Nesse ponto o papel das chamadas *Big Techs*, como *Facebook*, *Instagram*, *Google* e *WhatsApp* é fundamental, pois são elas que possuem a guarda dos dados de bilhões de usuários. Esses dados são “minerados”, estudados e direcionados para produção de conteúdo focados em grupos específicos, que podem ser divididos por faixa etária, classe social, grupo étnico, religião, dentre outros recortes. “Essa mineração de dados não é novidade nem surpreendente. O Facebook acompanha, armazena e traça o perfil dos gostos e preferência de seus usuários para melhor a ‘publicidade dirigida’ [...]” (KORYBKO, 2018, p.56).



Um dos aspectos presentes tanto nas Guerras de Quarta Geração quanto nas Guerras Híbridas, é a perda da clareza entre os entes civis e militares no campo de batalha. Além disso, a própria definição do campo de batalha fica nebulosa a partir dessas assepsias. No caso das *Big Techs*, que operam as redes sociais, isso torna-se flagrantemente verdade, já que essas empresas do ramo civil passam a atuar como subsidiárias das forças armadas e governos, fornecendo gigantescos volumes de informações por meio de seus dispositivos de *Data Science* e *Big Data*.³

REVOLUÇÕES COLORIDAS E GUERRA NÃO CONVENCIONAL

Como apontamos anteriormente, do ponto de vista prático a Guerra Híbrida possui dois pilares principais, que vêm sendo repetidamente testados em diversas circunstâncias nos últimos anos, são eles: as Revoluções Coloridas e as Guerras Não Convencionais.

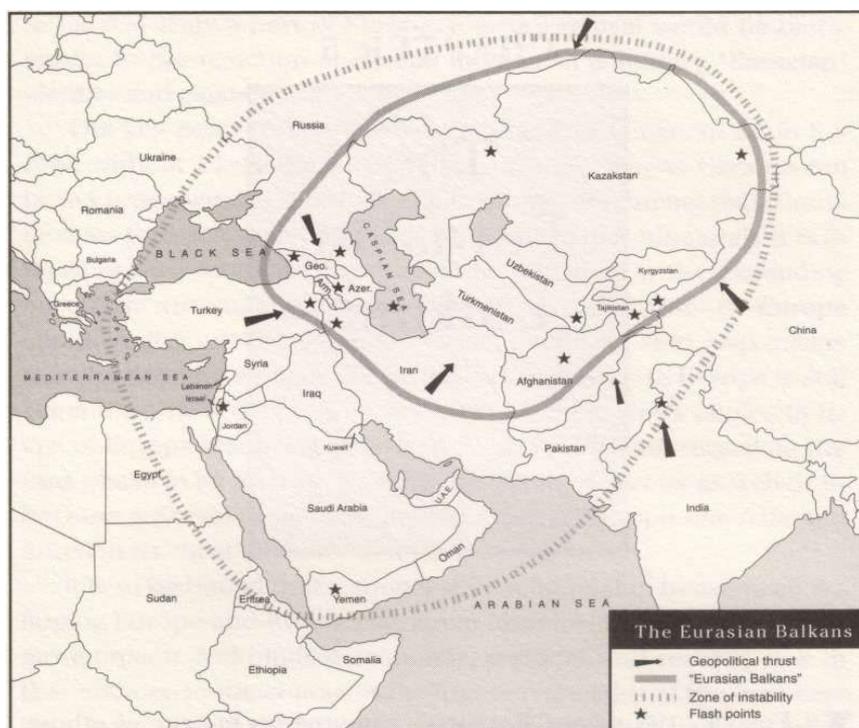
A guerra híbrida é a combinação entre revoluções coloridas e guerras não convencionais. Nesse novo modelo de guerra, as revoluções coloridas – largamente planejadas anteriormente e utilizando ferramentas de propaganda e estudos psicológicos combinados com o uso de redes sociais – consistem em desestabilizar governos por meio de manifestações de massas em nome de reivindicações abstratas, como democracia, liberdade, etc. A revolução colorida é o golpe brando. Se ela não for suficiente para derrubar e substituir o governo, avança-se para o estágio da guerra não convencional, aquelas combatidas por forças não regulares, sejam guerrilhas, milícias ou insurgências. Este é o momento do golpe rígido. (KORYBKO, 2018, p.8)

No caso dos Estados Unidos, ambos esses conceitos tem sido pensados especialmente com vistas à Eurásia. Isso porque o controle e fragmentação dos entes políticos dessa região é visto a muito tempo por Washington como fulcral para manutenção da hegemonia norte-americana. A presença de potências regionais ou mundiais nessa região, como Rússia, China e Irã tornam esse espaço foco de desafio para o estabelecimento do poder hegemônico dos Estados Unidos na região.

³ Data Science é um novo campo de estudos que agrupa conhecimentos matemáticos, estatísticos e de programação para analisar dados e auxiliar na tomada de decisões. Esse conhecimento associado ao conceito de Big Data, que busca trabalhar dados em grande volume e alta velocidade, pode fornecer informações específicas e direcionadas mesmo em cenários com grande complexidade. (DIGITAL HOUSE, 2021)

Dessa forma, a Guerra Híbrida perpetrada pelos norte-americanos tem, além dos objetivos já destacados (essencialmente fustigar o inimigo com menores custos), também objetivos geopolíticos de maior escopo, como o que o ex-conselheiro de Segurança Nacional da Casa Branca, Zbigniew Brzezinski, chamou de Balcanização⁴ da Eurásia. “[...] os Estados Unidos desenvolveram uma abordagem em nível de Eurásia pra lidar com a Rússia e com outras potências, e é essa estratégia que está no coração das guerras híbridas” (KORYBKO, 2018, p.19). A ideia dos “Balcãs Eurasiáticos” pode ser contemplada no Mapa 1.

Mapa 1: Os “Balcãs Eurasiáticos”



Fonte: <https://orientalreview.org/2014/06/22/the-reverse-brzezinski-the-ultimate-eurasian-dilemma-i>

Resumidamente, a ideia é fortalecer as divisões e instabilidades dentro da zona de influência da Rússia, afim de enfraquecer os russos de forma indireta, através do fomento do caos político e social dentro das ex-repúblicas soviéticas. Korybko (2018)

⁴ Segundo Norberto Bobbio, Balcanização corresponde a um termo para designar uma divisão de entidade continental, sub-continental ou regional em unidades politicamente separadas ou hostis entre si. O conceito está associado à região dos Bálcãs no período das guerras balcânicas, entre 1912 e 1913, fragmentando nações em unidades políticas distintas, prevalecendo as diretrizes do processo de relacionamento entre Estados. (SILVA; MARTIN, 2005)



aponta que essa noção já está presente em Josef Pilsudski, estadista polonês do início do século XX, que teorizou sobre como as desestabilizações na periferia de uma potência (no caso a Rússia) poderiam impactar de forma decisiva no centro do Estado, ocasionalmente levando a fragmentação. Desse modo, o novo paradigma de ação, sustentado por ações indiretas, bebe de fontes tradicionais para a formulação de ações geopolíticas neste século.

É com essa perspectiva histórica e mais ampla que ações norte-americanas podem ser entendidas no contexto das Guerras Híbridas. Assim, somam-se o fomento de revoltas através das redes sociais, e o patrocínio de movimentos de forças irregulares, visando cumprir objetivos geopolíticos muito semelhantes aos que eram presentes o século XX, na era do “imperialismo clássico”, mas por meios bastante distintos, adaptados ao período de emergência da Globalização. Segundo Costa (2016), durante o período de consolidação do imperialismo, estavam entre as principais demandas geopolíticas dos Estados as seguintes questões:

O caráter imperialista da economia e das políticas territoriais das grandes potências assentava-se em dois movimentos principais, envolvendo estratégias de dominação em escala global: disputas hegemônicas diretas de cada Estado – caso da Europa, principalmente –, e competição pelo domínio dos territórios de expansão colonial. Ambos os movimentos envolviam, simultaneamente, lutas no nível do poder dos Estados e concorrência internacional entre os capitais monopolistas de cada grande potência (COSTA, 2016. p.7)

Comparativamente, grande parte das disputas geopolíticas atuais ainda emanam dessas mesmas questões, ou em alguns casos, de questões semelhantes, mas atualizadas pelo decorrer do tempo. A disputa por acesso aos mercados internacionais, por fontes de matérias primas, por mão de obra barata, tudo isso ainda movimenta a ação geopolítica dos Estados como movimentava no século anterior.

Desse modo, a partir da virada do século XXI, a Guerra Híbrida se encaixa na estratégia geopolítica secular dos Estados Unidos. As revoltas populares, organizadas em meios digitais, primeiro na Ásia Central, depois no Leste Europeu e Oriente Médio, cabem perfeitamente no que se observa tanto como casos de revoluções coloridas, quanto de guerras não convencionais. Em todos esses casos os dois pilares da guerra híbrida foram amplamente utilizados na desestabilização dos governos. É dentro da



estratégia de “balcanização da Eurásia”, que Korybko (2018) vê o principal papel das revoluções coloridas e guerras não convencionais para os Estados Unidos atualmente.

A Guerra Híbrida prevê o acúmulo de teorias geopolíticas adaptadas ao contexto atual do século XXI, desse modo, a ideia de balcanização tem como objetivo maior a projeção de força americana na Eurásia, para garantir a hegemonia global. Essa é uma ideia clássica da geopolítica, que remete a Mackinder (2011) e a ideia do “Pivô Geográfico da História”, mas que tem sido reformulada para a realidade do século XXI.

Durante o século XX, Mackinder teorizou sobre a importância crescente do poder terrestre, tendo em vista o cenário britânico, frente a Rússia. Suas análises impactaram profundamente o pensamento pós Segunda Guerra, quando teóricos norte-americanos passaram a observar a importância do *Heartland* para os destinos da Guerra Fria.

Segundo Mackinder “o *Heartland* é a parte norte da Europa e o interior da Eurásia. Estende-se desde a costa do Ártico até os desertos centrais e tem como limites ocidentais o amplo istmo entre o Mar Báltico e o Mar Negro” (MACKINDER apud TEIXEIRA, 2021, p.157-158).

Para o autor, trata-se de uma região geograficamente central dentro da *World Island* (massa de terra contínua, caracterizada pela união dos territórios afro-euro-asiáticos), rica e recursos naturais e que capaz de proporcionar o substrato e a posição necessária para formação de uma potência global inexpugnável.

[...] é a região pivô da política mundial essa extensa zona da Eurásia que é inacessível às embarcações, mas que na antiguidade estava aberta aos cavaleiros nômades e hoje está prestes a ser coberta por uma rede de ferrovias? Existem ali condições de mobilidade de poder militar e econômico de caráter de longo alcance, ainda que limitado. (MACKINDER, 2011, p.97).

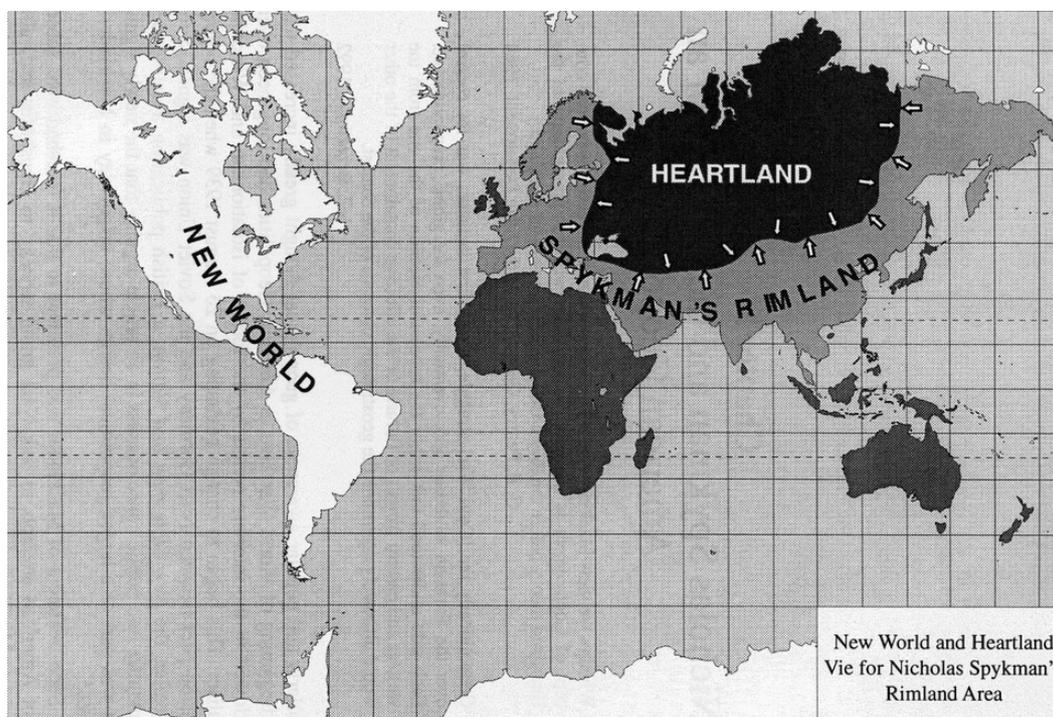
No sentido prático, grande parte do Heartland está localizado no que hoje a Rússia, os países do leste europeu (Ucrânia, Polônia, Belarus, Lituânia, Letônia e Estônia), além do Cáucaso (Armênia, Azerbaijão e Geórgia) e Ásia Central (Cazaquistão, Uzbequistão, Tadjiquistão, Quirguistão, Turcomenistão).

Na sequência do pensamento de Mackinder, e no tendo em vista a centralidade da Eurásia para a hegemonia do poder norte-americano, Nicolas Spykman e George Kennan, notabilizaram-se por atualizar o papel dos Estados Unidos na região,



deslocando o foco de ação para a periferia da *Heartland*, região que Spykman batizou de *Rimland*, demonstrada no Mapa 2.

Mapa 2: O Rimland



Fonte: https://www.reddit.com/r/MapPorn/comments/bd88yq/illustration_of_a_geostrategic_idea_nicholas_john/

Esses autores formularam boa parte da perspectiva de contenção que guiaria a estratégia norte-americana durante a Guerra Fria (TEIXEIRA, 2021). Basicamente trata-se da ideia de pressionar a região no entorno do *Heartland*, cercanda-a e evitando que a potência localizada no coração da Eurásia tenha condições de expandir sua influência geopolítica.

Enquanto Mackinder havia se concentrado no centro da Ilha Mundial, como ponto chave para controle do mundo, Spykman aborda a questão de maneira diferente, apontando sua atenção para as bordas do continente eurasiático como mais relevantes para a conquista do controle mundial. A região chamada por Mackinder de *Inner Crescent*, é renomeada por Spykman de *Rimland*, ganhando a importância estratégica antes atribuída pelo geógrafo inglês ao *Heartland*. (TEIXEIRA, 2021, p. 158)

Desse modo, as ações de desestabilização velada, promovidas através da mineração de dados de usuários, que voluntariamente, mas inconscientemente, cedem



informações sobre a dinâmica social em seus respectivos países, podem ser previamente organizadas usando as redes sociais. Assim a Guerra Híbrida surge como uma ferramenta geopolítica para que os Estados Unidos cumpram objetivos de longo prazo, porém através de ações que dificulta a percepção dessa macrodinâmica aos olhos do público incauto.

AS PRIMEIRAS REVOLUÇÕES COLORIDAS NA EURÁSIA

Não é por acaso que as Guerras Híbridas, sustentadas pelo dueto Revoluções Coloridas mais Guerras Não Convencionais são notadas pela primeira vez na região do leste europeu, Balcãs e Ásia Central. Nas primeiras duas décadas do século XXI, protestos aparentemente espontâneos, descentralizados, sem a participação dos organismos tradicionais de mobilização política (como partidos e sindicatos) e que buscavam demandas amplas e por vezes até vagas, como mais democracia ou o fim da corrupção, aconteceram primeiro na Ásia Central e no Leste Europeu, e nos anos seguintes, ações muito semelhantes eclodiram em outras regiões

A Ásia Central e o Leste Europeu, regiões onde localizam-se ex-repúblicas soviéticas, foram os palcos iniciais das mobilizações e conflitos com esse tipo de perfil, já no início do século XXI. A Revolução das Rosas que ocorreu em 2003 na Geórgia inaugurou esse ciclo, com acontecimentos correlatos em 2004 e 2005, na Ucrânia e Quirguistão, respectivamente.

Todos os movimentos apoiaram-se em processos eleitorais para contestar os governos vigentes. Em todos os casos, também, derrotas eleitorais da oposição foram sucedidas por manifestações populares que denunciavam fraudes durante os processos. Os opositores finalmente conseguiram a aceitação de suas reivindicações, seja através da renúncia dos líderes de então – nos casos de Geórgia e Quirguistão – ou pela anulação dos resultados eleitorais divulgados – no caso da Ucrânia. (ORTEGA, 2009, p.15)

Alguns anos antes, as Guerras de Dissolução da Iugoslávia, nos anos 1990, já haviam sido marcadas pela presença de atritos informacionais, ciberataques, além de forças irregulares tomando controle do campo de batalha. Esses são aspectos destacados tanto nas guerras de quarta geração quanto de guerras híbridas.



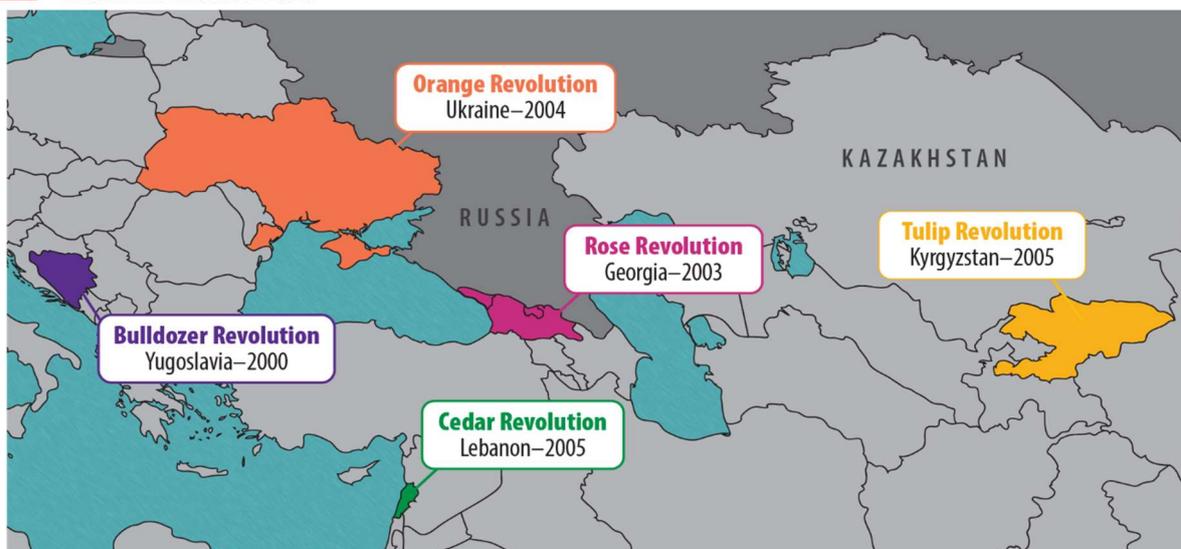
Essas revoluções guardaram as principais características das guerras de quarta geração e mais especificamente das guerras híbridas. Todas iniciaram-se através de meios difusos, buscando contrapor resultados eleitorais e apelando para a denúncia de ausência de democracia. Todos esses movimentos expressos no mapa (com exceção da Revolução dos Cedros no Líbano) também ocorreram dentro da zona de influência mais direta da Rússia.

Em 2003 e 2005, três países da ex-União Soviética viram movimentos opositores chegarem ao poder, seja diretamente, seja através de eleições presidenciais, seja pela renúncia dos líderes de então em resposta a intensos protestos populares. Esse conjunto de movimentos – a Revolução das Rosas na Geórgia, a Revolução Laranja na Ucrânia e a Revolução das Tulipas no Quirguistão – acabou recebendo a alcunha de “revoluções coloridas”. (ORTEGA, 2009, p.06)

Na Geórgia, o presidente Eduard Shevardnadze foi renunciado, abrindo espaço para Mikheil Saakashvili, político mais alinhado com as nações da Europa Ocidental e Estados Unidos, chegar ao poder em 2005. Os governos de Saakashvili marcaram uma transição política para a Geórgia, colocando o país em rota de colisão com os interesses russos desde então.

No Quirguistão, a situação foi bem semelhante, com o presidente Askar Akayev, mais alinhado com os interesses russos sendo destituído do poder, sob acusações de corrupção e nepotismo. Em pouco tempo seu sucessor, Kurmanbek Saliyevich Bakiyev, aproximou-se dos Estados Unidos, colocando o país da Ásia Central em situação de oposição às posições e interesses russos. Os países que sofreram com os casos de Revolução Colorida podem ser observados no Mapa 3.

Mapa 3: Mapa das primeiras Revoluções Coloridas



Fonte: <https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/January-February-2018/Prospective-Strategy-for-Baltic-Defense-The-Russian-Public-and-War-Termination-in-the-Baltic-States/> (Acessado em: 01/10/2021)

Na década seguinte, a Ucrânia foi novamente alvo de movimentações extremamente semelhantes ao que já havia ocorrido em 2004. No final de 2013, mais uma vez o resultado eleitoral no país foi contestado pela oposição, mas dessa vez, com uma presença muito maior das redes sociais na organização dos protestos, que estabeleceram uma nova revolução colorida, que derrubou o presidente Víktor Fédorovych Yanukóvytch, devido alegações de fraude eleitoral e corrupção.

O conflito evoluiu rapidamente para uma guerra não convencional, na qual grupos paramilitares, fortemente armados e financiados, enfrentaram forças regulares durante meses. Especialmente a região da Bacia do Rio Dom, onde estão localizadas as cidades de Lugansk e Donetsk foram mais severamente afetadas. A Península da Crimeia também foi palco de disputas, sendo invadida e posteriormente anexada pela Rússia, no contexto desse conflito, no ano de 2014.

Todas essas revoluções e guerras ocorreram dentro da região destacada como *Heartland* por Mackinder, ou ainda no *Rimland*, como teorizou Spykman (2008), denotando o papel estratégico que a Guerra Híbrida assume enquanto ferramenta geopolítica de desestabilização e fragmentação regional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



As mudanças no contexto geopolítico que marcaram a virada do século XX para o século XXI, impuseram novas dinâmicas para os Estados nacionais. Sobretudo a presença de novas tecnologias da informação, como as redes sociais, abriram muitas possibilidades de ações políticas, mais descentralizadas, difusas, mas com a capacidade de promover grandes mudanças no cenário geopolítico.

As Guerras Híbridas se inserem nesse novo contexto, a partir do acúmulo de teorias geopolíticas anteriores, associadas ao contexto de novas da globalização e do neoliberalismo. Tudo isso, permeado pela presença de novas tecnologias da informação, que tornaram as comunicações praticamente instantâneas, fato que tem gerado graves consequências geopolíticas.

Dessa forma, torna-se imperativo o estudo dessa nova dinâmica de conflitos e os seus possíveis desdobramentos, tanto para países que eventualmente tenham sucumbido a condição de guerra civil, como Líbia e Síria, ou de permanente instabilidade, como no caso ucraniano, quanto para países que sofreram mudanças de governo, invertendo os campos políticos e aliados, como em alguns países da América do Sul.

Assim, as questões envolvendo as Guerras Híbridas se mostram de relevantes para a geopolítica atual, por se nutrir de suas teorias clássicas e também por influir nas dinâmicas contemporâneas e disputas de poder a nível mundial.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alexandre Henrique Batista. **A desinformação como ferramenta da guerra híbrida**. Tese (Doutorado em Política e Estratégia Marítimas) – Escola de Guerra Naval. Rio de Janeiro, p.110. 2020.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

HAMMES, Thomas X. **“War Evolves into the Fourth Generation”**, Contemporary Security Policy, Volume 26, Issue 2, August 2005, p. 190. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13523260500190500>>. Acesso em 21 junho 2021.

HOFFMAN, Frank G. **Conflict in the 21st Century: The Rise of the Hybrid Wars**. 1ª edição. Arlington/VA. Potomac Institute For Policy Studies, 2007.

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. São Paulo, Editora Expressão Popular, 2018.



LIND, William S., NIGHTENGALE, Keith., SCHMITTS, John F., SUTTON, Joseph W., WILSON, Gary I. “**The Changing Face of War: Into the Fourth Generation**”, Marine Corps Gazette, Vol. 73, N.º10, October 1989, pp. 22-26. Disponível em: <<https://globalguerrillas.typepad.com/lind/the-changing-face-of-war-into-the-fourth-generation.html>>. Acesso em 17 junho 2021

MACKINDER, H. J. O pivô geográfico da história. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 88-100, 2011. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2011.74189. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74189>. Acesso em 17 junho 2021.

MONTEIRO, Luís Nuno da Cunha Sardinha. Guerras de 4º geração. **Revista Militar**, Rio de Janeiro, n 2591, p. 1001-1014, dez. 2017. Disponível em: <<https://www.revistamilitar.pt/artigo/1288>>. Acesso em 15 de julho de 2021

ORTEGA, Felipe Afonso. **Cores da Mudança?** As Revoluções Coloridas e seus reflexos na política externa. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p.139. 2009. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/17460/1/Felipe%20Afonso%20Ortega.pdf>>. Acesso em 17 junho 2021

ROVEDA, Hugo. Data Science: o que é, e o que te faz um cientista de dados?. Kenzie. [S.l.], 2021. Disponível em: <https://kenzie.com.br/blog/data-science/>, acesso em: 10 out. 2021

SILVA, Moacir Nunes e; MARTIN, André Roberto. **Da balcanização à "balcanização"**. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/001477613>>. Acesso em 17 setembro 2021

TEIXEIRA, Vinicius Modolo. **A Relevância da Teoria do Poder Terrestre para Geopolítica Atual**. In: FOLMER, Ivanio, et al. Geopolítica: Poder e Território. São Paulo, FFLCH/USP, 2021

VESENTINI, José William. **Novas Geopolíticas**. 5ª edição. São Paulo/SP: Editora Contexto, 2016.